

Dois Córregos Revisitada

José Carlos Brandão

Dois Córregos Revisitada

*“Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...”*

Fernando Pessoa – in Lisbon Revisited, 1926

Outra vez te revejo, Dois Córregos da minha infância.
Outra vez te revejo, Fundo e Lajeado correndo
Não de encontro ao do Peixe,
Mas ao fundo do meu coração.
Outra vez te revejo, Matão pairando como um templo
Sobre o menino de outrora
Que mora em mim ainda hoje.
Ainda está gravada a minha imagem, nua,
Porejando orvalho verde,
Na terra vermelha do barranco alto e largo
Na estrada de casa.

A figueira está lá, imponente e majestosa,
Dominando a paisagem;
As folhas caem amarelas como ouro frágil,

Ou verdes ainda – é sempre outono em mim.
A casa está lá, com o jardim na frente,
As rosas e as dalias,
E a varanda preguiçosa na sombra,
Com as lagartixas curiosas.
A vida ventava por todas as janelas,
Por onde entravam os pássaros
E as frutas do pomar, as jabuticabeiras,
Mangueiras e laranjeiras.
Nunca se conjugam todos os verbos
Da infância – eram tantas
As jabuticabeiras, tantos os olhos brilhantes
De tão negros das jabuticabas.

Dois Córregos é uma fotografia na parede da alma.
Dois Córregos é como a presença invisível de Deus,
Presente num perfume que estonteia,
Nas mãos sujas,
Nos pés sujos,
Por mais que os limpe sempre sujos
Do verde e vermelho da infância.

O ribeirão corria lá ao fundo,
Vinha do capão de mato fechado, aberto ao sonho,
Vinha e continuava
Para além com suas águas cristalinas
De uma suavidade que lava a alma de beleza
Para sempre.
Está lá o tronco onde eu me equilibrei
Sobre o abismo
E vi o mundo, pequeno como eu e enorme

Como o desconhecido,
E sonhei o universo que assombra a minha pequenez.

Dois Córregos dói, mas passa.
Tudo passa nesta vida.
Passaram o Fundo e o Lajeado,
Estão passando,
Mas digo sempre que já passaram para nunca mais,
Nunca mais verei quem fui, então, com eles.

Pousada Alegre dos Dous Córregos, quanta tristeza!
A pousada passou, os córregos passam e passam,
Continuam passando e me levando, já me levaram.
Quem sou é um eco, uma sombra, uma fumaça
Se elevando
E morrendo no mato, entre as queixadas e os caititus,
Um cincerro ouvido na curva da estrada, no pescoço
De uma égua madrinha já morta há séculos.
Passaram as capivaras e as onças nas águas plácidas,
Eu montado no lombo, lutando, sendo estraçalhado,
E cavalgando para sempre, no sonho, no mito.

Dois Córregos sou eu
E meus fantasmas envergonhados.
Os paralelepípedos sérios, conversando nas esquinas,
À sombra dos lampiões da fábula,
Com óleo inextinguível.
Uma vez vi um lobisomem sobre um muro,
Tinha dentes de bicho
E vergonha de homem
– Fugimos devagar, um olhando para o outro.

Tantas sombras na rua,
Todos os parentes mortos dialogando no escuro
E se apalpando para ter certeza
De que estão mesmo mortos.
Um pigarro, outro pigarro, e de pigarro em pigarro
A alma de Dois Córregos se acende
Na ponta de todos os pitos de barro.

O saci-pererê não andou por aqui,
Nem a mula-sem-cabeça,
Nem o unhudo da Pedra Branca
E suas jabuticabas bravas.
Andou por aqui o meu avô,
Andou por aqui o meu bisavô João Ventura
Que abriu o sertão de um mato enorme,
Que por isso chamou de Matão,
Que virou uma fazenda,
Depois multiplicada para os descendentes, amém.
Dois Córregos é o meu pai andando no cemitério
E contando os mortos,
Orgulhoso daqueles mortos todos,
Que vieram antes povoar esta terra
E agora dormem com ele,
Refestelados nas brumas do eterno.

Outra vez te revejo, Dois Córregos,
E mais uma vez caminhamos
Lado a lado como dois estranhos. Não me reconheces
E eu não te reconheço.
Mas o mesmo sangue corre nas nossas veias,
A mesma estranheza

– A mesma fraternidade! – aos olhos de fora,
Pasmos, tão outros.
A mesma alma nos habita,
Como uma casa muito antiga
Com os seus fantasmas esquecidos
Passeando pelos corredores.

O menino que fui, homem de barro,
Cacos pelos caminhos.
Tudo foi dado ao menino e tudo tirado ao homem,
Mas permanece, pulsando dentro, como boa paga.
Estendo a mão, aberta, vazia
– Somente eu sinto o peso
Do homem que ela carrega,
Um tição queimando na noite
E a terra vermelha e a árvore verde
Cantando com todos os pássaros.
Eu sozinho, menino e homem,
Como uma bilha quebrada
E com toda a inteireza
De ainda ser bilha: matéria humana
E quase divina.
Como os dois córregos que não correm para o mar,
Mas para outro córrego,
Eu corro para o meu destino
Já traçado, pequeno
E quase divino.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/dois-corregos-revisitada-1>